

## Grau zero

Resenha de Mauro Pergaminik Meiches,  
*Uma Pulsão Espetacular, São Paulo,  
Escuta/Fapesp, 1997, 256 p.*

“Não se trata, portanto, de construir uma cena muda mas uma cena cujo clamor ainda não se apaziguou na palavra. A palavra é o cadáver da palavra psíquica e é preciso reencontrar, com a linguagem da própria vida, ‘a Palavra anterior às palavras’. O gesto e a palavra ainda não estão separados pela lógica da representação.”

Jacques Derrida,  
*A Escritura e a Diferença*

Árdua a tarefa a que se propôs Mauro Meiches em *Uma Pulsão Espetacular*, difícil, também, a minha tarefa em resenhar seu livro, uma vez que o tema aqui é o de colocar em cena e figurar o instante da origem do humano, da origem da origem, do grau zero.

É por meio da relação entre pulsão e teatro que o autor procurará se aproximar deste marco iniciático mítico, impossível de ser alcançado: o instante em que energia pulsional e representação se encontram e ainda mantêm suas características específicas, momento de criação original do humano.

Mauro conforma seu objetivo nesta tentativa de elucidar a trajetória do Teatro Oficina, que passará, mais tarde, a assumir o nome de Uzyna-Uzona, liderado pela forte figura de José Celso Martinez Correa. Para pensar este percurso o autor utiliza como substrato a teoria das pul-

sões de Freud e seu desenvolvimento por Lacan e, ainda, seu desejo de tornar visível e evidente um trabalho desenvolvido às sombras e que, de quando em quando, jorrava em erupções vulcânicas, como o movimento pulsional que ludibria a repressão cultural. Sua intenção, portanto, não é a de traçar o caminho deste grupo e de seus objetivos através de um olhar que se baseia em uma simples cronologia de seus espetáculos e documentos, mas sim, utilizando um referencial específico da psicanálise, a conceituação de *a posteriori*, o que Mauro denomina “só depois” - passar a entender a experiência desta trupe, re-significando os propósitos estéticos e éticos implícitos em seus atos, desde a sua origem. É só no “só depois” que poderemos nos aperceber de um movimento que se propunha, desde seus inícios, a retornar ao momento mítico da origem. Seu objetivo parece tomar forma na tentativa de apresentar, como que em fotografias, os instantes fugidios daquilo que se apresenta - na falta de outra imagem melhor - no B de *Boom* de uma explosão.

Para procurar dar conta de seu intento o autor trabalha, então, o conceito de sublimação oferecido por Freud<sup>1</sup> que, como reclama Mauro, nunca recebeu do psicanalista um artigo que desenvolvesse o tema cabalmente. É a sublimação, o mais belo e social dos destinos pulsionais, esta transformação do sexual em a-sexual, a direção, por

excelência, da metamorfose da energia pulsional na forma de arte. Mas o que aconteceria se de dentro da própria obra, como que um ácido pulsasse, desde o interior quente das relações inconscientes, e corresse as camadas, as máscaras com que foi transvestido, retardado e amansado o impulso sexual, motor de todas as ações humanas? Como seria o furo deste jorro de magma fervente e o que de dentro dele pulsaria? Quem teria coragem para mirar o olho deste furacão de entranhas?

É deste tipo de obra indomada, sem freio e sem espera, que não se cala - ou, antes, berra - frente à pressão da realidade e de seu princípio, que Meiches procura tratar. E estas obras falam de todos nós que guardamos e procuramos desesperadamente dar conta deste veio vulcânico que nos movimenta, que nos dá e garante a vida, mas que, sem postergação, nos assassina ou enlouquece.

Mas um exercício crítico como este é, no mínimo, paradoxal, pois se seu texto muitas vezes nos permite alcançar a velocidade de pensamento, num desenrolar desenfreado de imagens e palavras encarnadas, de outro lado, neste “só depois”, Mauro procura construir, criar, novos elos de significação - e

que se mantenham - que possam funcionar como rédeas significativas de um movimento que, talvez, fosse apenas - e isso é tanto - caótico. Mas o autor não cai nesta armadilha, já que não pretende que sua ótica seja única e definitiva; o que Mauro permite é que possamos viajar, tendo como mapa as suas interpretações, emprestando-nos - como o psicanalista a seu analisando - suas imagens e conexões.

Sua dificuldade, como também a minha aqui, é a de todo psicanalista que persegue os movimentos desenfreados e que procura, aqui ou lá, um local de imantação ou de possível significado - o grau zero de significação.

A tentativa, então, é de fincar o pé num estado limite, linha tênue, neste momento do disparo do foguete, momento em que a pulsão encontra uma representação viável para sua existência em imagens, mas em que não esmaece, não tem sua potência domada pela formatação. Este é o projeto do Uzyna-Uzona, fixar o evanescente, que transparece, seguindo-se a interpretação do autor, nos diversos momentos e avatares de sua história. É na busca deste momento mítico, quando o homem se torna humano, quando sua

palavra irá jorrar, mas ainda não foi pronunciada, que este projeto teatral pretende construir sua morada. E este momento interessa, inegavelmente, ao psicanalista.

Mauro Meiches nos apresenta esta busca arrebatada por meio de vários ângulos e olhares: através da apresentação da atribulada história deste grupo, de sua própria interpretação destes atos e da utilização de subsídios teóricos, que se amparam no pensamento de Artaud, Nietzsche, Derrida e Sontag, como corpo conceitual de maior peso.

Assim, a trajetória deste grupo teatral, ou sua interpretação pelo autor, vai permitir que estiquemos o tempo de um instante e que possamos observar o movimento da urgência do desejo, da cópula entre energia pulsional e palavra, de um desejo que volta a si, à sua própria instauração. Norteando-se por um olhar retrospectivo, nesta causalidade revolucionária da psicanálise, neste "só depois", Mauro encontrará nas *Bacantes* (uma recriação do grupo do texto homônimo de Eurípedes), a última obra analisada pelo autor e levada pelo grupo, o corolário de todo um projeto, que tem em seu ideário o te-ato, o ato teatral em que a pulsão não será representada, mas sim apresentada: quando "a véspera da representação estaria representada em cada ato, entendido como o instante inicial de toda representação" (p. 172). E neste carnaval estão presentes, de maneira absolutamente condensada, num buraco negro, toda a história do grupo, toda história

do teatro e do próprio homem, que se afastou de suas origens primárias e que se postergou, se abrandou, amansando seu impulso em função de sua condição de civilizado.

Este é o projeto estético e ético que toma o Uzyna e que Mauro permite ver: numa intenção terapêutica, catártica, nesta busca das origens universais, de uma indiscriminação com o mundo, neste anseio pelo momento em que a palavra e a coisa ainda não se distanciaram, "neste desejo mítico de atravessar a barreira linguística, para atingir um antes, um presente que se eternizou, uma captura de um tempo que não se rege pelas leis da história ou pela dinâmica da cultura" (p. 102).

Este intento do Uzyna se apresenta através de elementos de seu próprio corpo teatral: no corpo dos atores; nos textos teatrais escolhidos e mesclados (de Euclides da Cunha a Brecht, de Oswald de Andrade a Eurípedes); no coro, que passa a ultrapassar o espaço dos protagonistas, que ensina a ruptura da individuação; na quebra das paredes da própria edificação do teatro, em um desejo antropofágico pela vizinhança, pelo fim dos limites; nas apresentações que ganham o espaço público - a rua, a mídia; do espaço público que se quer amalgamado ao espaço teatral - o terreiro, o estádio, o carnaval. É a constituição de um espaço

sagrado em que a idéia de público e de atores não mais pode caber, na criação de uma comunidade sem limites. É nesta indiferenciação com o universo que se alcança, então, o espírito trágico do humano, na exaltação a Dionísio, neste encontro com o mundo, nesta amálgama entre as coisas e as palavras, na urgência de satisfação de uma moção pulsional, momento em que o homem é parte da tessitura do mundo, em que se quer, então, o reencontro com o grau zero de nós mesmos. Tem-se um rito celebrante que abole as diferenças, que demole as heterogeneidades, em que se nega a ruptura entre natureza e cultura, entre pulsão e instinto. A busca é da anti-razão, da anti-palavra, de não mais adiar, de não mais postergar o ato de consumação de um desejo que é urgente; este é o teatro rompendo o "cordão sanitário" (p. 229) que separa a vida cotidiana do acontecimento artístico. Este é o ato de contágio a ser resgatado para o teatro - o teatro como a psicanálise são a peste - de um teatro que faz rugir o instintivo, aquilo que não pode ser adiado a custo de matar também o humano, este desejo indômito que a cultura quer apagar.

Este é um libelo pela liberdade desta força imperiosa no homem, que foi subjugada e transformada, mas que o mal-estar na civilização demonstra que dela não podemos dar conta. Talvez, seja este também o desejo psicanalítico, o de permitir a presença deste berro-urro, agora codificado, - e a passagem para a representação é sempre complicada - na lingua-

gem que nos faz humanos, de apresentar, a cada ato nosso, o grau zero de humanidade.

A proposição aqui é a da busca da criação de uma mitologia, de retorno vital ao ato primordial de instauração do humano: "Ao repetir incansavelmente seu ideário, é como se a esperança de resposta permanecesse viva. Não a resposta à pergunta irrespondível, mas recolocação em aberto, do fato mesmo de não existir resposta. Fazendo assim, é possível continuar servindo-se de uma mitologia que, e por que não?, cumpre soberbamente o papel de objeto de desejo" (p. 247).

**Noemi Moritz Kon (Noni)** é membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, doutoranda no Instituto de Psicologia da USP e autora de *Freud e seu Duplo. Reflexões entre Psicanálise e Arte*, São Paulo, Edusp/Fapesp, 1996.

#### NOTA

1. Parte do desenvolvimento destas questões pode ser encontrada no artigo de Mauro, escrito em co-autoria com Eveline Alperowitch: "Arte: onde havia sublimação, que advenha angústia", em *Percursos* nº 15, 2º semestre de 1995. Os autores afirmam que a sublimação reiterada esgota-se inevitavelmente e que esta acaba por subverter a si mesma, permitindo a explosão do impulso sexual que havia sido metamorfoseado e amortecido. Assim "a obra excita seu espectador, psicanaliticamente falando, pelo que de sexual transformado ela encerra. O estofo de seu impulso provoca o estado exaltado que põe a trabalhar qualquer um que a contemple" (p. 84).